

# Trio elétrico recebe FHC na Bahia

Prefeitura de Camaçari arma festa eleitoral na visita do presidente, que classifica protestos de estudantes de "vozes da caverna".  
Camaçari, BA — Josemar Gonçalves

MARCIAS GOMES

CAMAÇARI, BA — O presidente Fernando Henrique Cardoso foi recebido ontem no Pólo Petroquímico de Camaçari em clima de campanha eleitoral. A Prefeitura de Camaçari mobilizou um trio elétrico para alegrar a festa e cerca de 6 mil pessoas para ouvir o discurso do presidente, na área onde ele lançou a pedra fundamental de fábrica da Ásia Motors do Brasil.

Fernando Henrique fez um balanço do desempenho da indústria no país, ressaltou a estabilidade da moeda, fez promessas e enumerou as realizações do seu governo. "O povo do Brasil hoje tem arroz, feijão, salada, uma moeda forte e capacidade de consumir", disse em resposta a um pequeno grupo de manifestantes da Universidade Federal da Bahia.

**Caverna** — Temendo a ação do forte policiamento da área, os estudantes permaneceram anônimos e dispersos no meio da multidão. Eles só começaram a fazer protestos quando foi anunciada a presença do presidente e do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). "Arroz, feijão, saúde e educação", gritavam. Ao iniciar o discurso, o presidente pediu silêncio. "Que os brasileiros fiquem um pouquinho silenciosos para nos recordarmos das vozes do atraso, da caverna. Que só a caverna fale um pouquinho do passado triste", disse. O senador afirmou que 12,5 milhões de baianos aplaudem o presidente. "Menos 50 inconformados com o sucesso do Brasil", disse.

O presidente fez promessas com base no resultado do levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que revelou crescimento no número de crianças nas escolas nos últimos cinco anos. "A escolaridade do Brasil aumentou significativamente, até o ponto que o presidente pode dizer que espera, antes do final do seu mandato, que não haja nenhuma criança em idade escolar fora da escola." Segundo os dados do IBGE, 2,7 milhões de crianças não freqüentam aulas. Para o presidente, "isso não se faz com demagogia", mas com a compreensão de que a base da prosperidade é a "estabilidade da moeda". "Este Brasil do susto, do grito, da surpresa está morto, tão morto quanto aqueles que ainda falam gritando como, repito, nos tempos das cavernas".

Muito descontraído e sorridente, Fernando Henrique desembarcou na Base Aérea de Salvador às 10h15 de ontem e fez questão de comer um acarajé. O mesmo prato lhe foi servido por duas baianas durante a visita que fez às instalações da fábrica Oxiteno, que ampliou em 80% a sua capacidade de produção de óxido de eteno com tecnologia brasileira. No almoço do Palácio de Ondina, o presidente provou outros pratos da culinária baiana, nunca dispensados pelo governador Paulo Souto em ocasiões especiais.

**Desafio** — Ainda na área da nova fábrica da Ásia Motors, o presidente lembrou que, na década de 50, o país passou pelo desafio, lançado pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek, de iniciar a construção de indústrias automobilísticas no país. "Ela estava concentrada em São Paulo, mais tarde um pouquinho em Minas Gerais. Hoje o presidente que vos fala pode dizer que a indústria automobilística é baiana e nordestina. O que foi começado por Juscelino hoje se espalha pelo Brasil todo."

A direção da montadora Ásia Motors decidiu construir a fábrica na Bahia depois que o governo, com apoio da bancada baiana, editou a medida provisória que concede incentivos às indústrias automobilísticas que se instalarem no Nordeste. A empresa vai investir US\$ 500 milhões e produzir 60 mil veículos utilitários, Topic e Towner, por ano.

Fernando Henrique lembrou ainda que a previsão do governo, ao editar a medida, era a de que a produção nacional fosse de 2 milhões de veículos em 2000. "Essa produção já se materializou este ano", disse. Dos 2 milhões já produzidos, apenas 300 mil foram exportados, o que significa, destacou o presidente, que 1,7 milhão de automóveis foram adquiridos no país. "Os números são tão eloquentes que não precisa falar nada. Basta ouvir o grito do passado para perceber que o Brasil hoje é um país confiante".